

UMA RECUPERAÇÃO AINDA INCOMPLETA

Sinais de recuperação ainda são sinalizam tendência ampla de retomada

Robson Gonçalves, Roberto Aragão e Alípio Cantisani

EM todo o mundo, a construção civil responde por parcela relevante da atividade econômica, tanto na geração de renda quanto de emprego. Na União Europeia, o setor emprega cerca de 12 milhões de pessoas e responde por mais da metade de todo o investimento produtivo. Nos Estados Unidos, o emprego na construção passa de 5,5 milhões e a participação no investimento supera os 42%. São números que deixam clara a importância econômica da construção.

No entanto, ao contrário do que ocorreu em diversos países emergentes como o Brasil, nos países mais ricos o setor ainda não se recuperou dos graves efeitos da crise iniciada em 2008. Sobretudo na Europa e, de forma ainda mais grave, nos países que passaram por grandes surtos imobiliários, a queda no emprego na construção impressiona e persiste. Em paralelo, o contraste com o cenário brasileiro contribui para uma melhor compreensão da atual dinâmica da construção no país.

Emprego

Em 2007, antes do estopim da crise internacional, a construção empregava 26,3 milhões de pessoas no conjunto das economias dos EUA, União Europeia e Japão. Nos dois anos anteriores, haviam sido criados mais de meio milhão de postos de trabalho. Apesar dos sinais de fadiga que já eram notados nos EUA e no Japão, o emprego no setor na União Europeia crescia em média 3% ao ano. Na Irlanda e na Espanha, essa taxa chegava a 5,4% e 4,9%, respectivamente.

Como o impacto da crise, a retração foi imediata. Entre 2007 e 2009, 3,7 milhões de tra-

Nível de emprego na construção em países selecionados

2007-2012 – mil pessoas – final de período

	2007	2008	2009	2010	2011	2012*
Austrália	854	892	915	989	940	1.043
EUA	7.533	7.685	7.490	6.705	5.654	5.477
Japão	4.870	4.790	4.730	4.620	4.460	4.330
União Europeia	14.088	13.506	12.762	12.348	12.021	11.582
Alemanha	2.489	2.532	2.581	2.639	2.641	2.688
Espanha	2.685	2.173	1.796	1.567	1.271	1.032
França	1.798	1.924	1.851	1.925	1.867	1.839
Irlanda	276	212	135	108	106	100
Itália	1.951	1.998	1.979	1.899	1.751	1.661
Reino Unido	2.353	2.584	2.255	2.175	2.113	2.076
Brasil	1.890	2.244	2.510	2.963	3.174	3.390
Chile	477	495	523	535	531	609
México	689	643	602	651	673	697
Polônia	1.140	1.263	1.267	1.302	1.345	1.289

Fontes: Austrália: Australian Bureau of Statistics. EUA: Department of Labor; Europa: Eurostat; Chile: Banco Central de Chile e INE – Instituto Nacional de Estadísticas. Japão: Statistics Bureau of Japan. México: INEG – Instituto Nacional de Estadísticas y Geografía. Brasil: Construdata.

* Estimativa FGV-Ibre.

balhadores da construção foram demitidos naqueles três grandes mercados, fazendo o nível de emprego recuar 13% em apenas dois anos. Como seria esperado, as quedas mais expressivas aconteceram na Espanha (33%) e na Irlanda (51%). Na economia americana, os números também impressionam por conta da dimensão absoluta. No mesmo período, o recuo do emprego na construção foi de 24,5%, o que resultou no fechamento de mais de 1,8 milhão de vagas no setor. No Japão, foram eliminados mais de 270 mil postos, o equivalente a 5,7% do nível de emprego setorial de 2007.

Desde 2009, a construção não está conseguindo se recuperar na maioria dos países desenvolvidos. Dada a importância do setor no investimento total, esse atraso tem contribuído diretamente para prolongar a conjuntura de baixo crescimento, especialmente na Europa e no Japão.

Sempre considerando as três grandes economias globais, estima-se que o emprego na construção chegará a 21,5 milhões de postos de trabalho em 2012. Na comparação com 2007, são 4,7 milhões de empregos a menos, ou seja, um nível de emprego 18% menor. Mas, nos últimos dois anos, já

é possível identificar sinais de que o pior já passou em alguns desses países. Nos EUA, o nível de emprego do setor parou de cair desde 2010. No Japão, estima-se que serão criadas mais de 100 mil novas vagas em 2012. Já nas principais economias da União Europeia, o emprego na construção segue em queda, à exceção da Alemanha.

Como regra, em todos os casos em que a construção registrou queda no nível de emprego, a retração setorial superou a média da economia em termos percentuais. Nos casos mais dramáticos da Espanha e da Irlanda, o emprego global caiu 7,2% e 8,9%, respectivamente, entre 2007 e 2009. Na construção, o emprego caiu à meta-de na Espanha e a dois terços na Irlanda.

Esses números sugerem uma reflexão relevante para compreender o atual momento da construção no Brasil. No caso da Espanha, o surto imobiliário havia provocado um superdimensionamento da construção na atividade econômica. Em 2007, o consumo de cimento per capita no país passou de 1.200 kg por habitante, enquanto a média europeia era de cerca de 540 kg. No Brasil, hoje, estima-se que esse consumo é da ordem de 271 kg por habitante.

O gigantismo da construção na Espanha e na Irlanda antes da crise também pode ser avaliado pela participação do setor no PIB, que superou os 10% no caso espanhol em 2008 e era cerca de 6% no caso da Irlanda. Naquele mesmo ano, a média europeia era de 4,5%, número próximo ao observado no Brasil (4,2%) e nos EUA (4,3%).

México e Chile

Outros dois casos de interesse são o México e o Chile. O desempenho do investimento no México desde o início da crise de 2008 tem sido peculiar. Entre 2007 e 2009, a formação bruta de capital teve queda real de 11,8%, sendo mais intensa no segmento de máquinas e equipamentos (19,7%) do que na construção (6,3%). A partir de meados de 2009, o investimento entrou em trajetória de recuperação, mas dinâmica se inverteu. Entre 2009 e 2011, a produção de máquinas e equipamentos avançou 35,9% em termos acumulados, enquanto a construção cresceu apenas 3,7%. No conjunto, a formação de capital

Principais indicadores da construção

México, Chile e Brasil – 2012*

	México	Chile	Brasil
Crescimento do PIB total**	3,8%	4,9%	1,6%
Participação no PIB total	6,6%	7,7%	4,9%
Crescimento do PIB setorial	3,5%	9,0%	4,0%
Taxa de investimento a preços correntes	18,5%	19,7%	18,0%
Participação no Investimento total	55,6%	54,4%	43,3%
Nível de emprego	697 mil	609 mil	3.390 mil
Crescimento do emprego	3,5%	2,8%	6,5%
Consumo aparente de cimento por habitante***	321 kg	243 kg	271 kg

* Estimativas FGV-Ibre.

** Estimativas do FMI, *World Economic Outlook*, outubro de 2012.

*** Referente ao ano de 2009. Fonte: Federación Interamericana del Cemento.

A construção não está conseguindo se recuperar na maioria dos países desenvolvidos. Dada a importância do setor, esse atraso tem contribuído diretamente para prolongar a conjuntura de baixo crescimento

teve alta de 15,7% nesse último período.

Outro contraste marcante se refere aos segmentos da própria construção. Entre 2007 e 2009, no auge da crise, a maior contração ocorreu no segmento imobiliário, cujo PIB caiu 14,3% em termos reais, enquanto a construção pesada continuou crescendo em média 8% ao ano. Na fase de recuperação, entre 2009 e 2011, o imobiliário acumulou crescimento de 3,3%, enquanto a construção pesada avançava 5,7%. Em boa medida, o mau desempenho do PIB do segmento imobiliário nos piores anos da crise se deveu à queda real de preços das moradias. Em 2009, segundo dados da Sociedade Hipotecária Federal, os preços dos imóveis novos tiveram valorização nominal de 3,6%. Descontada a inflação, porém, a queda real foi da ordem de 2%, um quadro bem diferente do

observado no Brasil no mesmo período.

No primeiro semestre de 2012, o investimento acelerou, mas o segmento construtivo continua tendo desempenho abaixo da média. Enquanto a formação de capital como um todo teve crescimento de 7,5%, a produção de maquinário avançou 9,9% e a construção, 5,7%. O nível de emprego no setor construtivo deve ter alta de 3,5% neste ano.

O montante de recursos liberados para o crédito habitacional em 2011 era 17% menor do que em 2008, já descontada a inflação.

No Chile, graças aos investimentos em infraestrutura, o nível de emprego na construção teve apenas uma pequena queda entre 2008 e 2009. Deste último ano até 2011, o emprego avançou rapidamente, chegando a acumular alta de mais de 19%. Segundo dados Sociedade de Fomento Fabril, dos US\$ 35,6 bilhões de projetos de investimento em execução, US\$ 17,5 bilhões se referem à mineração e US\$ 3,7 ao segmento de energia.

No entanto, o bom momento da construção no Chile não se estende ao segmento imobiliário. Ainda segundo a Câmara Chilena da Construção, as autorizações para a construção de moradia caíram 7% no primeiro semestre de 2012 na comparação com igual período de 2011 e permanecem abaixo do observado em 2008. Considerando o segmento habitacional, a queda registrada no primeiro semestre foi de 12% em termos de área edificada e de 21,2% em termos do número de unidades.